



Um velho koan Zen-Budista narra que um homem muito avarento recebeu, oportunamente, a visita de um mestre.

O sábio, depois de saudá-lo, perguntou-lhe: - Se eu fechar a minha mão para sempre, não a abrindo nun-ca, como te parecerá?

o avaro respondeu-lhe sem titubear: - Deforma-da.

Muito bem, prosseguiu o interlocutor: - E se eu a abrir para sempre, como a verás?

- Igualmente deformada - redargüiu, o anfitrião.

O homem nobre concluiu, informando-o: - Se en-tenderes isso, serás um rico feliz.

Depois que se foi, o anfitrião começou a meditar e, a partir daí, passou a repartir com os necessitados, aqui-lo que lhe parecia excedente, tornando-se generoso.

Todos os opostos, afirma o antigo koan, bem e mal, ter e não ter, ganhar e perder, eu e os outros, dividem a mente. Quando são aceites, afastam as pessoas da mente original, sucumbindo ao dualismo.

A sabedoria, concluiu a narração sintética, está no meio, no Zen, que é o caminho.

A dualidade sempre esteve presente no ser huma-no, desde o momento em que ele começou a pensar, desenvolvendo a capacidade de discernir. Os opostos têm-lhe constituído desafios para a consciência, que deve eleger o que lhe é melhor, em detrimento daquilo que lhe é pernicioso, perturbador, gerador de conflitos.

Não poucas vezes, por imaturidade, toma decisões compulsivas e derrapa em estados de perturbação, demarcando fronteiras e evitando atravessá-las, assim

perdendo contato com as possibilidades existentes em ambos os lados, que podem auxiliar na

definição de rumos. Essa definição, no entanto, não pode ser cerceadora das vivências educativas, produtoras. Devem caracterizar-se pela eleição natural do roteiro a seguir, de maneira que nenhuma forma de tormento pelo não experimentado passe a gerar frustração.

A experiência ensina a conquistar os valores legítimos, aqueles que propiciam a evolução, facultando, na análise dos contrários, a opção pelo que constitui estímulo ao crescimento, sem que gere danos para o próprio indivíduo, para o meio onde se encontra, para outrem. Somente assim, é possível a aquisição do comportamento ideal, propiciador de paz, porque não traz, no seu bojo, qualquer proposta conflitiva.

Do ponto de vista ético, definem os dicionaristas, o bem é a qualidade atribuída a ações e a obras humanas que lhes confere um caráter moral. (Esta qualidade se anuncia através de fatores subjetivos - o sentimento de aprovação, o sentimento de dever - que levam à busca e à definição de um fundamento que os possa explicar.)

O mal é tudo aquilo que se apresenta negativo e de feição perniciososa, que deixa marcas perturbadoras e afugentes.

Na sua origem, o ser não possui a consciência do bem nem do mal. Vivendo sob a injunção do instinto, é levado a preservar a sobrevivência, a reprodução, atuando por automatismos, que irão abrindo-lhe espaços para os diferenciados patamares do conhecimento, do pensamento, da faculdade de discernir.

A seleção do que deve em relação ao que não deve realizar dá-se mediante a sensação da dor física, depois emocional, mais tarde de caráter moral, ascendendo na escala dos valores éticos. Percebe que nem tudo quanto lhe é lícito executar, pode fazê-lo, assim realizando o que lhe é de melhor, no sentido de descobrir os resultados, porquanto aquilo que lhe é facultado, não poucas vezes fere os direitos do próximo, da vida em si mesma, quanto da sua realidade espiritual.

Essa percepção torna-se a presença da capacidade de eleger o bem em detrimento do mal. Faz-se a realidade livre da sombra; o avanço psicológico sem trauma, a ausência de retentivas na retaguarda.

Embora haja o bem social, o de natureza legal, aquele que muda de conceito conforme os valores éticos estabelecidos geográfica ou genericamente, para, soberano, o Bem transcendental, que o tempo não altera, as situações políticas não modificam, as circunstâncias não confundem. É aquele que está inscrito na consciência de todos os seres pensantes que, não obstante, muitas vezes, anestesiem-no, permanecem e se impõem oportunamente, convidando o infrator à recomposição do equilíbrio, ao refazimento da ação.

O mal, remanescente dos instintos agressivos, predomina enquanto a razão deles não se liberta, sob a dominação arbitrária do ego, que elabora interesses hedonistas, pessoais, impondo-se em detrimento de todas as demais pessoas e circunstâncias.

O seu ferrete é tão especial que, à medida que fere quantos se lhe acercam, termina por dilacerar aquele que se lhe entrega ao domínio, tombando, exaurido, pelo caminho do seu falso triunfo.

O ser humano foi criado à imagem de Deus, isto é, fadado à perfeição, superando os impositivos do trânsito evolutivo, nessa marcha inexorável a que se encontra compelido.

Possuindo os atributos da beleza, da harmonia, da felicidade, do amor, deve romper, a pouco e pouco, a casca que o envolve - herança do período primário por onde tem que passar - a fim de desenvolver as aptidões adormecidas, que lhe servem temporariamente de obstáculo a esses tesouros imarcescíveis.

O Bem pode ser personificado no amor, enquanto o mal pode ser apresentado como sendo-lhe a ausência.

Tudo aquilo que promove e eleva o ser, aumentando-lhe a capacidade de viver em harmonia com a vida, prolongá-la, torná-la edificante, é expressão do Bem. Entretanto, tudo quanto conspira contra a sua elevação, o seu crescimento e os valores éticos já logrados pela Humanidade, é o mal.

O mal, todavia, é de duração efêmera, porque re-sultado de uma etapa do processo evolutivo, enquanto o Bem é a fatalidade última reservada a todos os indi-víduos, que se não poderão furtar desse destino, mes-mo quando o posterguem por algum tempo, jamais o conseguindo definitivamente.

Eis porque o ser tem a tendência inevitável de bus-car o amor, de entregar-se-lhe, de fruí-lo.

Encarcerado no egoísmo e acostumado às buscas externas, recorre aos expedientes do prazer pessoal, em vãs tentativas de desfrutar as benesses que dele decorrem, tombando na exaustão dos sentidos ou na frustração dos engodos que se permite.

Oportunamente um aprendiz indagou ao seu mes-tre: - Dize-nos o que é o amor.

- E o sábio, após ligeira reflexão, redargüiu com um sorriso:

- Nós somos o amor.

Esse sentimento que temos todos os seres vivos expressa o Supremo Bem, que nos cumpre buscar, em-bora estejamos na faixa da libertação da ignorância, errando, ainda praticando o mal temporário por falta da experiência evolutiva, que nos junte às sensações, em detrimento das emoções superiores que alcançare-mos.

Há uma tendência para a experiência do Bem, face à paz e à beleza interior que se experimenta, constitu-ndo-se um grande desafio ao pensamento psicológico estabelecer realmente o que é de melhor para o ser hu-mano, graças aos impositivos dos instintos que prome-tem gozo, enquanto que a sua libertação, às vezes, do-lorosa, em catarse de lágrimas, proporciona em plenitude.

A terapia do Bem - essa eleição dos valores éticos que propiciam paz de consciência - constitui proposta excelente para a área da saúde emocional e psíquica, conseqüentemente, também

física dos seres humanos, que não deve ser desconsiderada.

A medida que se amplia o desenvolvimento psico-lógico, seu amadurecimento, são eliminadas as distâncias entre o eu e os outros, superando o mal pelo bem natural, suas ações de fraternidade e de compreensão dos diferentes níveis de transição moral, compreendendo-se que o mal que a muitos aflige, por eles mesmos buscado, transforma-se na sua lição de vida.

Eis porque é necessária a terapia da realização edificante, produzindo sempre em favor de si mesmo, do próximo e do meio ambiente, evitando qualquer tenta

tiva de destruição, de perturbação, de desequilíbrio.

Por isso, não realizar o bem é fazer-se a si mesmo um grande mal. Dificultar-se a ascensão, é forma de comprazer-se na vulgaridade, na desdita, assumindo um comportamento masoquista, no qual se sente valorizado.

Certamente, nem todos os indivíduos conseguem de imediato uma mudança de conduta mental, portanto, emocional, da patologia em que se encarcera, para viver a liberdade de ser feliz. Isso exige um esforço hercúleo que, normalmente, o paciente não envida. Acredita que a simples assistência psicológica irá resolver-lhe os estados interiores que o agradam, quase que a passo de mágica, transferindo para o psicoterapeuta a tarefa que lhe compete desenvolver.

Para esse cometimento, o do reequilíbrio, a assistência especializada é indispensável, somada à contribuição de um grupo de apoio e ao interesse dele próprio para conseguir a meta a que se propõe.

A religião bem orientada, pelo conteúdo psicológico de que se reveste, desempenha um papel de alta relevância em favor do equilíbrio de cada pessoa e, por extensão, do conjunto social, no qual se encontra localizada.

A religião que se fundamenta, no entanto, na conduta científica de comprovação dos seus ensinamentos, que documenta a realidade do Espírito imortal e a sua transitoriedade nos acontecimentos do corpo, como é o caso do Espiritismo, melhores condições possui para auxiliá-la na escolha do caminho a trilhar com os próprios pés, propondo-lhe renovação interior e adesão natural aos princípios que promovem a vida, que a dignificam, portanto, que representam o Bem.

Por outro lado, proporciona-lhe uma conduta responsável, esclarecendo-a que cada qual é responsável pelos atos que executa, sendo semeadora e colhedora de resultados, cabendo-lhe sempre enfrentar os desafios de superar-se, porque toda conquista valiosa é resultado do esforço daquele que a consegue. Nada existe que não haja sido resultado de laborioso esforço.

Ainda mais, facultá-lhe o entendimento de como funcionam as Leis da Vida, em cuja vigência todos os seres somos participantes, sem exceção, cada qual respondendo de acordo com o seu nível de consciência, o seu grau de pensamento, as suas intenções intelecto-morais.

Abre, ademais, um elenco de novas informações que a capacitam para a luta em prol da saúde, explicando-lhe que existe um intercâmbio mental e espiritual entre as criaturas que habitam os dois planos do mundo: o espiritual ou da energia pensante e o físico ou da condensação material.

A morte do corpo, não extinguindo o ser, apenas altera-lhe a compleição molecular, mantendo-lhe, não obstante, os valores intrínsecos à sua individualidade, o que facultá, muitas vezes, o intercâmbio psíquico.

Quando se trata de alguém cuja existência foi pausada em ações elevadas, a influência é agradável, rica de saúde e de harmonia. Quando, porém, foi negativa, inquieta ou doentia, perturbada ou insatisfeita, transmite desarmonia, enfermidades, depressões e alucinações cruéis, que passam a constituir psicopatologias de classificação muito complexa, na área das obsessões espirituais e de libertação demorada, que exigem muito esforço e tenacidade nos propósitos em favor da recuperação da saúde.

O Bem, portanto, é o grande antídoto a esse mal, como o é também para quaisquer outros

estados per-turbadores e traumáticos da personalidade humana.

Outrossim, a experiência do Bem se dará plena após o trânsito pelas ocorrências do Mal, os insucessos, as perturbações, as reações emocionais conflitivas, que facultam o natural selecionar dos comportamentos agra-dáveis, tranqüilos, que validam o esforço de haver-se optado pelo que é saudável. Caso contrário, a aquisição positiva não se faz total, porque será mais o resultado de repressão aos instintos do que superação de-les, graças ao que se pode adquirir virtudes - sentimen-tos bons, conquistas do Bem -, no entanto, perder-se a integridade, a naturalidade do processo de elevação. A pessoa torna-se frustrada por não haver enfrentado as lutas convencionais, evitando-as, ocasionando um sen-timento de culpa, que é, por sua vez, uma oposição à proposta encetada para a vida correta.

A experiência do Bem e do Mal começa na infância diante das atitudes dos pais e dos demais familiares. Por temor a criança obedece, porém, não compreende o que é certo e aquilo que é errado, que lhe querem inculcar os genitores, muitas vezes por imposição sem o esclarecimento correspondente para a análise lenta e à assimilação da razão.

Se a criança não consegue entender aquilo que lhe é ministrado e exigido, passa a aceitar a informação por medo de punição, até o momento em que se liberta da imposição, transformando o sentimento em culpa, e temendo reagir pelo ódio ou pelo ressentimento, ou, noutras situações, reprimindo-se, tomba na depressão. O inconsciente, utilizando-se do mecanismo de preser-vação do ego, resolve aceitar o que foi ministrado, pas

sando a insuflar a conduta reta, no entanto, em forma de máscara que oculta a realidade reprimida.

A conquista paulatina do Bem produz equilíbrio e segurança, eliminando as armadilhas do ego, que mais tem interesse em promover-se do que em ser substituí-do pelo valor novo, inabitual no seu comportamento.

Por isso mesmo, o Bem não pode ser repressor, o que é mal, porém, libertador de tudo quanto submete, se impõe, aflige. A sua dominação é suave, não constri-tora, porque passa a ser uma diferente expressão de conduta moral e emocional, dando prosseguimento à assimilação dos valores que foram propostos no perí-o do infantil, e que constituem reminiscências agradáveis



que ajudam nos procedimentos dos diferentes perío-dos existenciais, na juventude, na idade adulta, na ve-lhice.

Em razão disso, torna-se mais difícil a assimilação e incorporação dos valores do Bem em um adulto acli-matado à agressão, às lutas, nas quais predominou o Mal, houve a sua vitória, os resultados prazerosos do ego, a vitalização dos comportamentos esmagadores, que geraram heróis e poderosos, mas que não escapa-ram das áreas dos conflitos por onde continuam transi-tando.

Somente através da renovação de valores desde cedo é que o Bem triunfará nas criaturas.

Quando adultas, o labor é mais demorado, porque terá que substituir as constrictões do ego e, através da reflexão, dos exercícios de meditação e avaliação da conduta, substituir os hábitos enraizados por novos comportamentos compensadores para o eu superior.

Eis porque se pode afirmar que o Bem faz muito bem, enquanto que o Mal faz muito mal. A simples mudança, portanto, de atitude mental do indivíduo en-seja-lhe o encontro com o Bem que irá desenvolver-lhe os sentimentos profundos da sua semelhança com Deus.

AMOR, IMBATÍVEL AMOR

DIVALDO PEREIRA FRANCO

**PELO ESPÍRITO JOANNA DE ÃNGELIS**